

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *República (S.P.)*

Class.: 47

Data: *8 de Novembro de 1979*

Pg.: _____

DENÚNCIA

O Xingu virou uma imensa prisão

Índio não sai, branco não entra. E a Funai censura a correspondência

JOSÉ MEIRELLES PASSOS

De repente, os índios do Parque Nacional do Xingu desapareceram do noticiário. Há meses não se sabe nada sobre eles. Por onde andaria o esperto xavante Juruna, que interpelava políticos e autoridades com seu gravador? Não se ouvem mais as suas denúncias e reivindicações, nem as de seus irmãos. Nada mais se sabe porque o Xingu transformou-se numa espécie de prisão. Uma área politicamente bloqueada, cercada. Os índios estão proibidos de sair de lá, com exceção dos mais doentes, e homem branco só entra se for gente da Funai. E, pasmem, a correspondência que entra e sai do Parque vem sendo censurada. De ambos os lados, os destinatários têm recebido cartas violadas. Outras nem chegam: desaparecem misteriosamente, embora sejam remetidas através de malotes da própria Funai.

A denúncia desta situação foi feita ontem à tarde na Comissão Pró-Índio, de São Paulo, através de sua presidente, a antropóloga Manuela Carneiro da Cunha, e pela enfermeira Dinamar Marques, que trabalhou no Parque Nacional do Xingu nos últimos vinte meses. Segundo elas, o cerceamento começou a ser sentido no final do ano passado, logo após a saída do sertanista Olímpio Trindade Serra. E nos últimos meses tem sido mais severos. Os índios passaram a ser verdadeiramente vigiados: «Eles sempre vinham a São Paulo, principalmente, para se informar. Levavam notícias daqui para o pessoal deles no Xingu: contavam como é a vida dos guaranis, que os índios de lá não conhecem. Eles gostavam muito de visitar os guaranis, e voltavam espantados, surpresos com a vida desses seus irmãos em

terras ruins e sem rios, como eles diziam. Eu costumava levar os índios para passar o dia em minha casa, e assim faziam outras pessoas que tinham convivido com eles no Xingu. De repente, surgiu a proibição. Aí, eu fui falar com a chefe do escritório da Funai aqui em S. Paulo, Dalva Silva, e ela me disse que não deixavam mais os índios saírem porque sabiam que havia «certas reuniões para doutriná-los» — contou Dinamar Marques.

Numa velha casa amarela e desbotada no Sumaré, com instalações precárias, onde funciona o posto da Funai na capital, Dalva Silva confirmou ontem à tarde que os índios não podem mais sair do Parque do Xingu: «Só os doentes, que ficam aqui em tratamento». E mais nada quis falar, alegando que «informações sobre índio só em Brasília». Diante da insistência do repórter, e ao ver o fotógrafo Wagner Avancini fazendo fotos dos índios que estavam na casa, para o tratamento médico, dona Dalva Silva — que já vinha aparentando muito nervosismo, torcendo os dedos das mãos — começou a gritar: «Megaron, Megaron...» E surgiu um txucarremae troncudo, de jeans e tênis, os cabelos escorrendo pelos ombros. A mulher ordenou: «Quebre a máquina dele, que está fotografando índio. Isso não pode». Com habilidade, Wagner entendeu-se com o índio, evitando maiores atritos.

Os índios e o pessoal que trabalha na reserva costumavam falar diariamente com o escritório de S. Paulo através do rádio, e vice-versa. Há pouco mais de um mês, porém, o rádio foi levado embora. Comunicação agora só por telégrafo, via Goiânia ou Brasília, que formam a ponte até o Xingu. Cartas?

Nem pensar. «A gente costumava escrever para os índios, enviando recortes de jornal, algumas revistas e livros, não só com assuntos indígenas mas de interesse geral. Eles gostavam muito de receber isso; escreviam cartas para nós, denunciando as más condições de vida lá, pedindo coisas, pedindo auxílio. Mas aí, eu e outras pessoas, como a Rosa Pena por exemplo (ex-funcionária do escritório da Funai em S. Paulo, cuja residência os índios estão expressamente proibidos de visitar) começamos a receber cartas abertas. Outras, conforme apuramos mais tarde, foram enviadas e não recebemos. Um dia, mandei uma carta para uma enfermeira do Xingu no meio dos mantimentos, numa caixa: ela nunca recebeu esta carta», denunciou Dina-

mar Marques. Ela contou, também, que os aviões da FAB não estão mais autorizados a transportar índios, a não ser os doentes.

Manuela da Cunha, da Comissão Pró-Índio/SP, disse que os xavantes — «que são os mais exigentes, que saem denunciando e reivindicando» — vêm sendo «inundados de presentes pela Funai, recebendo trator, cimento e outras coisas, na tentativa de amansá-los. E, o que é pior, parece que está havendo lá no Xingu um processo para dividir as lideranças, especialmente as que eram contrárias à saída do Olímpio Serra, de quem gostavam muito. Sabemos que isto é uma situação real, mas está difícil apurar com mais profundidade, porque ninguém entra lá: há pouco,

um grupo de antropólogos daqui tentou e não conseguiu».

A Comissão Pró-Índio divulgou uma carta assinada por quatro índios, que conseguiram «contrabandear-la» até as mãos de uma pessoa amiga, em Brasília, e que confirma as denúncias feitas ontem à tarde. Eles dizem não entender a proibição de irem à Capital Federal: «Não achamos justo o presidente da Funai proibir a vinda de índios a essa cidade, trazendo problemas que só podem ser resolvidos por aqui mesmo: quem deve trazer os problemas somos nós mesmos. Se nós não sairmos de lá (Xingu), a Funai não vai ficar sabendo o que se passa na área. Falamos isso por experiência, pois o Parque Nacional do Xingu está parado há cinco meses (...)



DINAMAR E MANUELA

Enfermeira e antropóloga falam das novas restrições da Funai